

20 n° tem
21 8º
22 n° tem
23 n° tem
24 n° tem

RUBEM BRAGA

Revolução e Siderurgia

FUI a vitória outro dia, e me disseram que a Ferro e Aço tinha estado parada, e estava funcionando muito abaixo de sua capacidade. A Ferro e Aço é uma usina de laminação; produz perfilados de aço, e há grande falta de perfilados no Brasil. Como se explica essa crise da usina?

Não há nenhum mistério no caso: a Ferro e Aço não tem conseguido obter a tempo e nas quantidades necessárias o aço de que necessita. Quando ela inaugurou suas atuais instalações, em 1963, a Ferro e Aço lançou também a pedra fundamental de uma nova usina siderúrgica para 1 milhão de toneladas, cuja primeira etapa, de 500 mil toneladas, deveria estar funcionando neste ano de 1968. Previa-se que, enquanto se construía a siderúrgica, a Ferro e Aço seria suprida em semiacabados pelos excedentes de produção da Usiminas, a qual, por sua vez, iria ampliando a sua própria capacidade laminadora. Quando o alto-forno começasse a funcionar no Tubarão (junto ao pórtico da Vale do Rio Doce) a Ferro e Aço não precisaria mais da Usiminas, nem esta teria excedentes para lhe vender.

Ora, tudo correu como estava previsto... menos a construção da usina siderúrgica. Quando veio a «Revolução de Março», a Ferro e Aço, dirigida por Hélio Jaguaribe, já conseguira financiamentos externos da ordem de 63 milhões de dólares, aos quais se adicionariam os recursos nacionais, tornando assim efetivos os resultados dos estudos da firma americana Artur G. McKee & Co. e erguendo-se em Tubarão uma moderna Usina com capacidade para atingir 1 milhão de toneladas de aço em lingotes. Enfim: os estudos estavam realizados, os terrenos adquiridos, os financiamentos obtidos. Mas veio a «Revolução...» e tudo foi suspenso. O Sr. Hélio Jaguaribe, visto como horrível comunista, foi dar aulas em universidades norte-americanas, e a sorte da siderurgia brasileira foi entregue a várias comissões, grupos de trabalho etc. veio o relatório Booz-Allen, veio a revisão do relatório Booz-Allen... e o que há de concreto (tanto quanto uma coisa nula pode ser concreta) é isto: em 1964, 1965, 1966, 1967 e 1968, nada se fez para construir a siderúrgica. O máximo que houve foi um discurso do Marechal Castelo Branco e outro do Marechal Costa e Silva, este prometendo construir a usina. Como a essa promessa não se seguiu ato algum, e a produção da Ferro e Aço foi crescendo (80.357 toneladas de perfilados em 1967 para 24.794 em 1964) a matéria-prima foi escasseando e em agosto deste ano a Usina da Cariacica teve de parar por falta de aço. Seus fornecedores, a Usiminas, a Acisita a Manesmann e a Volta Redonda, não lhe podem acudir, ou porque preferem vender laminados acabados ou porque têm compromissos sérios no exterior para o fornecimento de semiacabados.

O remédio é um só: importar o aço necessário. E o que se vai fazer. A médio prazo, entretanto, a solução é montar a siderúrgica ali na ponta do Tubarão que, segundo os estudos da CEPAL, é o lugar que reúne as condições mais favoráveis para a produção siderúrgica no Brasil. Transcrevo, aqui, um trecho desse estudo sobre a siderurgia nos países da América Latina:

«Considerando-se uma usina teórica de igual dimensão (1,5 Mt/ano de aço bruto), estrutura técnica e eficiência de operação análogas nas principais localizações siderúrgicas, a Venezuela (Orinocó) teria provavelmente alguma vantagem, pelos mais baixos custos de reunião de matérias-primas. Seguem-se, nessa ordem, as usinas situadas no México (Monclova) no Brasil, (Vitória) no Peru (Chimbote) e no Chile (Huachipato).

A «Revolução de Março» até agora não mostrou nenhuma capacidade de elevar a produção de aço do Brasil, condição básica, vital, primária do desenvolvimento nacional. O primeiro passo, no parecer unânime dos técnicos imparciais, seria a construção da Usina de Tubarão, construção que a própria Revolução veio atrapalhar. Nisso deveriam ser empregados os recursos da Vale do Rio Doce e outras organizações, e para isso não seria difícil obter financiamento no exterior, pois a viabilidade econômica do empreendimento está estudada e provada.

Agora que se fala tanto e tanto em segurança nacional — será que produzir aço não interessa à segurança nacional?